

PALAVRAS AO VENTO: REFLEXOS DA SOCIEDADE NAS CONVERSAS DE ESQUINA / WORDS TO THE WIND: HOW SOCIETY IS REFLECTED IN SMALL TALK

Mônica Mandaji
Universidade Paulista (UNIP)
mmandaji@yahoo.com.br

Jonathan Garcia Ramos
Universidade Paulista (UNIP)
jonathanramos1208@gmail.com

Resumo

A proposta deste relato de experiência é discutir, por meio das narrativas de vida e de maneira bem-humorada, a importância de o futuro professor trabalhar a construção da norma culta da língua portuguesa sem preconceitos e respeitando o conhecimento prévio dos alunos, ainda mais em um país de grande diversidade cultural como o Brasil. A proposta de abordar a narrativa de vida em um trabalho de iniciação científica foi uma das ações realizadas pelo grupo de pesquisa “Encontros Interculturais na EAD: Narrativas de Vida dos Diferentes Brasis”, proposta esta desenhada no curso de Letras (Licenciaturas em Português, Português/Inglês e Português/Espanhol), da Universidade Paulista e que tem como principal objetivo relacionar as comunidades dos estudantes dos diferentes polos, conectados pela EaD, mediante uma forma particular de autobiografia.

Palavras-chave: Narrativas de vida. Variações linguísticas. Norma culta. Diversidade cultural. Prática pedagógica.

Abstract

The purpose of this report of experience is to discuss, through life narratives and in a humorous way, the importance for the future teacher bring up in class the construction of the standard register of the Portuguese Language without prejudices and respecting the students' previous linguistic knowledge and practice, especially in a country of great cultural diversity like Brazil. Working with life narratives in order to initiate the student in scientific research was one of the actions suggested by the research group “Cross-Cultural Encounters in Distance Education: Life Narratives from the different *Brasis*”, developed by Portuguese Studies, Portuguese and English Studies and Portuguese and Spanish Studies from Universidade Paulista and whose main objective is to give the voice to the Different communities of students from different Distance Education poles through a particular form of autobiography.

Keywords: Life narratives. Linguistic variations. Cultural diversity. Pedagogical practice.

Introdução

Dados do Censo da Educação Superior divulgado em setembro de 2013 mostraram que a Educação a Distância no Brasil encerrou 2012 com 1,2 milhão de alunos matriculados, diante dos 7 milhões do sistema total. Com esses dados foi possível constatar que o ritmo de expansão de novos ingressantes na EaD foi de 12,2%, enquanto na educação presencial o crescimento médio chegou a 4,4% em 2012, em relação a 2011, de acordo com dados do Ministério da Educação (MEC).

Quando se olha para o crescimento acelerado da EaD, passa a ser importante travar uma discussão a respeito da efetividade e da complexidade das interações implícitas na Educação a Distância, com a meta de promover a inclusão social dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, tendo como objetivo uma aprendizagem realmente significativa.

Pensando-se em um país geograficamente vasto e culturalmente heterogêneo como o Brasil e tendo como base as orientações do projeto do Ministério da Educação “Gênero e Diversidade na Escola” (2006), que afirma que as leis contra a discriminação não serão suficientes para a promoção da inclusão se não houver uma transformação efetiva na mentalidade e nas práticas da população, chegou-se ao projeto “Encontros Interculturais na EAD: Narrativas de Vida dos Diferentes Brasis”. Esta proposta, desenhada no curso de Letras (Licenciaturas em Português, Português/Inglês e Português/Espanhol), tem como principal objetivo relacionar as comunidades dos estudantes dos diferentes polos, conectados pela EaD, mediante uma forma particular de autobiografia: as narrativas de vida.

Dessa proposta surgiram diversas ações, incluindo o trabalho de iniciação científica desenvolvido pelo aluno Jonathan Ramos (agora professor, formado pelo curso de Letras) sob a orientação da professora doutora Mônica Man-

daji e que tem como título “Palavras ao Vento: Reflexos da Sociedade nas Conversas de Esquina”. O trabalho procurou, por meio das narrativas de vida, discutir, de maneira bem-humorada, a importância de o futuro professor trabalhar a construção da norma culta da língua portuguesa sem preconceitos e respeitando o conhecimento prévio dos alunos, ainda mais em um país de grande diversidade cultural como o Brasil.

Mergulhemos então nesta narrativa!

Por trás das verdes montanhas de Minas Gerais, lá longe, bem além do sotaque inconfundível de *Beagá*, lá bem pro interior mesmo, fica uma cidadezinha chamada Pouso Alegre. Um bom lugar pra viver. Ser *pozalegrense* é bom, aqui ainda resta um pouco de paz em um mundo tão corrido e cheio de construções gigantescas, poluição, barulho e outros males das cidades grandes.

A vida aqui é tranquila: criança correndo na rua, pegando rabeira em caminhão, homens e mulheres saem para trabalhar todo dia cedinho, e voltam só quando o sol tá querendo ir embora. Os aposentados passam as manhãs sentados na beira de casa, alguns com um cigarro paiêro e uma garrafa de café, outros observando o movimento, *quentando só* e batendo um *dedin* de prosa.

Aos finais de semana, ainda se vê movimento de pescadores, profissionais ou não, indo em direção a *bê do riu*, *pescá uns pexin*, *pra tomá cuma pinguinha*, *na bê do fugão* de lenha. Tem nada mió que isso, não, é o que dizem. Aliás, costumava ter. Pouso Alegre era muito famosa pelos bailes nos casarões do centro da cidade.

Meus avós que o digam! Falam de uma Pouso Alegre boêmia, nos anos de 1950 e 1960, tempos dos bailes e carnavais de rua como não se vê hoje em dia. Sou um tanto saudosista, confesso. Sinto saudade inclusive daquilo que não vivi, como os tais bailes e noitadas de carnaval dos quais não participei, mas sem os quais eu, muito provavelmente, não seria eu.

Sim! Foi em um destes bailes de carnaval que minha avó materna, dona Terezinha – e não ouse chamar de Tereza, já que, segundo ela, Tereza é o nome dado às cordas de lençol que os presos usam nas fugas na cadeia – deu de cara com um baita paranaense com o qual viria a se casar. Mas é claro que não foi tão simples assim. No amor, nunca é. Meu bisavô já possuía seus próprios planos para a filha. Um casamento arranjado com o qual a pobre Terezinha jamais sonhara.

Mas o amor tem suas artimanhas, suas estratégias e aliados. Regularmente ela recebia cartas do seu paranaense, as quais ela podia ler e lembrar-se dos seus olhos azuis e seu jeito de falar sobre a sorte (lê-se sorte, com o E bem marcado) de tê-la conhecido, que não se preocupasse, que iria campião seu pai e falar com ele, e que, diferentemente dela, não tinha medo do relho que o papai carregava a tiracolo, que tomar uma camaçada de pau não ia impedi-lo de casar com essa alemoa!

E o jovem valente, determinado a casar-se com ela, foi ter a conversa com o pai da moça. E ele repetiu para o rapaz: “Escute aqui, seu catrefa! Ela já tem casamento marcado.” Só estava esperando o pai do noivo (arranjado) vir lhe falar. E ele então prometeu ao homem bravo: sua filha há de casar comigo!

Dito e feito. Não pela ameaça do pobre rapaz, mas pela coragem de uma filha que se rebelou contra o casamento que não queria, contra o noivo que não amava e contra o pai tirano. Não é que ela deu uma de Julieta e ameaçou tirar a própria vida se não se casasse com o homem que queria? E foi à beira de um barranco, do qual ela ameaçava se apinchar, e é claro que o pai concordou.

Terezinha casou-se com Antônio, com seu povo e tradição. Mudaram-se para o Paraná, onde viveram por anos e tiveram alguns de seus guris. Algum tempo depois, voltaram para Pouso Alegre, que havia se desenvolvido um pouco mais, e oferecia oportunidades de trabalho para os dois.

De volta ao sul de Minas, dona Terezinha trouxe consigo mais do que alguns filhos e um pouco de bagagem, mas uma herança cultural que enriquecia cada um que se aventurava a trocar meia dúzia de palavras com ela. Que fantástico era ter conhecido o Paraná, suas tradições, principalmente de plantio e colheita, com as quais viria a trabalhar em sua terra natal.

Contadora de histórias nata, ela se divertia parafraseando as coisas que ouviu lá por aquelas bandas. Histórias de assombração, de lobisomens nos cafezais, saci-pererê colocando as crianças em árvores de espinho. Algumas destas ouço meus tios contando para meus primos até hoje. Falando em tios e primos, foi nessa volta para Pouso Alegre que nasceram um tio e minha mãe, raros mineiros daquela família.

O tempo passou, e meu avô, o qual não tive a chance de conhecer, veio a falecer, deixando minha avó sozinha com os filhos, que se viram na obrigação de trabalhar e ajudar financeiramente em casa. Inclusive minha mãe.

Indo e vindo todos os dias do serviço, ela sempre era surpreendida por um tal de João Cambira, que vivia de assobios pro lado dela. Sabendo de sua nada agradável fama de mulherengo, ela fazia jogo duro. Não queria saber dele. Podia até admitir que achava ele lindo. Mas, neeeem! De maneira alguma queria se enrabichar com um galinha.

Mas o amor sabe como pegar as pessoas de jeito. E algumas pessoas nascem sabendo vencer as outras, de uma forma ou de outra. Em uma destas quermesses de igreja, minha mãe acaba vendo o que não quer: sua irmã, cheia de graça pro tal do João Cambira! E foi tirar a limpo aquela história. Pronto. Ele tinha conseguido o que queria. Tirou a prova de que aqueles assobios tinham surtido efeito. Cambira é uma espécie de cipó, típico da região. Aquele que enrola, contorna e acaba conseguindo dar a volta na árvore. No caso, na flor.

Não passou muito dali e aqueles dois estavam de namoro, ele se dizia *pexonado*, ela duvidava. Mas já amava aquele homem demais pra cair fora. Não demorou muito e dona Terezinha descobriu o namoro dos dois, e foi ter uma conversa com ele e a família.

Dona Maria era uma senhora de bom coração, que só fazia ajudar aos outros. Por conta do destino, havia acabado viúva e cuidando dos netos, os quais vieram morar com ela, eram quatro no total, um deles era meu pai. Joãozinho, como ela o chamava. Era o neto que vivia há mais tempo debaixo da asa da avó. Ao saber da história do namoro, Dona Maria não assustou muito, não. Já havia ouvido falar da tal da Dirceia, e sabia que possuía a fama de ser muito bonita.

Tratou com Dona Terezinha que ficaria de olho, pra não “aprontarem”, sob as ameaças de que se ele fizesse mal à filha, ela bateria na porta com as malas da moça. Parecia nem se lembrar de como é ser jovem e apaixonada. Talvez, ter que assumir o papel de pai e mãe em casa lhe trouxe preocupações e endureceu seu coração.

Pois bem. Tal como Deus fez a Adão e Eva, dizendo “comam qualquer coisa, exceto a maçã”, e eles comeram, meu pai e minha mãe aprontaram, ou pelo menos minha avó jurava que sim. E não é que ela cumpriu a promessa? Levou minha mãe e suas malas na porta da casa de Dona Maria, questionando quando iriam marcar o casamento. Dona Maria não se incomodou, e recebeu a moça de braços abertos.

O.k., ela agiu tal qual seu pai. Mas minha mãe não estava odiando a ideia. Ela queria se casar. E era com aquele homem. E ele também queria. Não demorou e se casaram. A vida de casada era boa, mas o homem que antes era mulherengo deu lugar a um ciumento de carteirinha. Ela parou de trabalhar, a pedido dele, e algum tempo depois estava grávida. Sem muito sucesso, pois sofreu um aborto espontâneo.

O trauma foi grande, e o medo de tentar de novo era constante. Mas, como nada aconteceu por acaso, Deus a presenteou com uma nova chance, estava grávida novamente. E desta vez foi pra valer. Então, no ano de 1991, eu nasci.

Não me lembro de muita coisa da minha primeira infância, apenas alguns fatos importantes, como o de ser tudo muito simples, meu pai trabalhar com uma carroça e ter alguns problemas com a bebida, e eu ficar na Didinha. Dona Maria veio a me batizar, e minha mãe e ela tornaram-se comadres. Lembro-me que todo dia eu corria pra brincar no mato, e minha madrinha ficava na beira da cerca, me dizendo pra *vortá*, e eu *vortava*. Levávamos uma vida boa, simples, mas muito boa. Mas, devido ao excesso de ciúmes e exageros na bebida de meu pai, eles se separaram.

O tempo passou, eu cresci um pouco, passava o dia com a Didinha, enquanto minha mãe trabalhava. Foi minha bisavó que me ajudou a descobrir o mundo a minha volta, me ensinou a olhar as horas no relógio de ponteiros e, com o pouco que sabia, me ensinou a ler. Sempre fui muito curioso, e por isso aprendi a ler muito cedo, com 5 anos já sabia juntar as sílabas, e depois de muito dizer “batabata” – lê-se batata – e que tinha medo de mamolengo – marimbondo – aprendi a formar palavras. E, acompanhando minha madrinha, ficava tentando ler os nomes dos atores nas aberturas das novelas. E, de segunda a sábado, tinha uma chance por dia para ler os nomes. E dessa forma aprendi a ler, e algum tempo depois já sabia os nomes dos atores globais tanto quanto a Didinha.

Na escola, a novidade ao ler foi descobrir que, muitas vezes, não se escrevia como se falava. O que me trouxe alguns problemas, pois convivía com pessoas simples, que, muitas vezes, falavam bem diferente da norma-padrão. A Didinha, por exemplo, falava algumas coisas, e na escola era falado de outra forma, talvez porque fosse algo fora do seu vocabulário. Lembro-me também que ela não conseguia pronunciar meu nome corre-

tamente, e graças a isso ganhei o apelido de Nequinho (algum tempo depois, Nego). Era comum ouvir os verbos no infinitivo sem o R final (vortá, namorá, bebê, cumê, fazê) além de muitas outras diferenças; lá na escola não podíamos dizer “eu amo ela”, que moela era parte do frango. Até tentei escrever assim algumas vezes, mas fui severamente corrigido. Acabei aceitando o jeito da escola de escrever, afinal. Até que fazia sentido, se existia uma norma, ela deveria ser seguida, então passei a me policiar e ficar mais esperto ao falar.

No decorrer dos anos, fui me mostrando um bom aluno, até ali pela sexta série, no ano de 2005, quando conheci a turma do fundão e acabei perdendo o ano, afinal eu era um adolescente, cheio de dúvidas, conhecendo o mundo. Acabei me distraíndo demais. No ano seguinte, me concentrei no que realmente importava e consegui passar. Não foi tão difícil, era só questão de me concentrar, me dedicar à escola e ficar longe do fundão. Apesar de ser uma negação com números, acabei me destacando nas Olimpíadas de Matemática, o que foi uma grande surpresa para mim.

No ano seguinte, me transferi para o período noturno, a fim de conseguir um emprego, já estava com 15 anos e queria começar a trabalhar. Coincidência ou não, foi no mesmo ano em que perdi meu pai. Parecia que a vida estava me mostrando que era hora de ter mais responsabilidades, amadurecer. Perder meu pai foi bastante triste, a convivência com ele era rara, pois tinha sérios problemas com o álcool, mas eu o via sempre que ia à casa da Didinha, mas realmente, naquele ano, amadureci muito.

Minha mãe já vivia com outra pessoa, e teve três filhos com ele. Viveram juntos por quase 15 anos, mas já estavam a ponto de se separarem, o que veio a acontecer no ano seguinte.

Aos 16 anos, consegui meu primeiro emprego. Agora morávamos apenas minha mãe, meus irmãos e eu. E eu me sentia responsável por minha família. Fui trabalhar em uma loja espe-

cializada em ferramentas para corte de madeira. E foi lá que aprendi muitas coisas, inclusive um vocabulário bem diferente do qual eu estava acostumado. Diferente da “porta, porteira e portão”, meus patrões eram dois paulistanos cheio de marra e sotaque.

O típico falar cantarolado italiano era recheado de pérolas como trampo, busão, mór, firmeza, mano e muitas outras. Sem contar que, em toda oportunidade, era usado um “pô, meu”, ou então “mano”. Algumas destas pérolas passaram a fazer parte do meu vocabulário, mesmo eu achando estranho e fugindo o máximo possível daquilo. Porém, foram três anos de contato, mano, e, para mim, era uma língua diferente, um jeito novo de se comunicar, mais enxuto, mais rápido, como se estivessem sempre com pressa.

E era esta a sensação que eles passavam, como se tivessem saído da “cidade grande”, mas a cidade grande nunca tivesse saído deles. Estavam sempre atrasados para tudo, e, talvez por isso, usassem tanta gíria, e reduziam palavras e nomes. Jonathan passou a ser Jhow, e eu estava sempre por perto pra dar uma mão. Quando não sabia como ajudar, era fácil dar um migué, mas jamais dei um balão. Gostava muito da convivência, apesar da pressa eram muito bons, muito firmeza. Até que um dia fomos chamados pra trocar um dois, ter uma conversa. Naquela conversa, eles estavam acabando com a loja, separando a sociedade.

“Então, Jhow, o negócio é o seguinte, vou te mandar um papo reto. Nós tamo acabando a sociedade, e vai cada um pro seu lado, certo? E eu quero que você continue trabalhando pra mim, mano, tá ligado?!”

Mas não era o fim daquela loja, surgiram duas novas, e continuei a trabalhar com um dos meus chefes, e ele levou sua esposa pra nos dar uma mão. Luciana era seu nome. Uma moça muito simpática, mineira, assim como eu, e cheia dos *uais*. Ela era uma típica moradora do interior: falava baixinho, sempre desconfiada e tímida, era totalmente o

oposto do Robertão, que falava pelos cotovelos, e, como ela costumava dizer, com jeito de tranqueira. Mas nada disso os atrapalhava, ela dizia que, em vez de olhar as diferenças, olhava o que tinham em comum e o amor que os unia.

Ao longo daqueles três anos aprendi muita coisa, mudei meu jeito de falar, devido à convivência, e de pensar, aprendi valores e saberes que levei pra vida toda. Não planejava sair de lá tão cedo, mas não tive escolha. No início do ano de 2010, fui chamado para o Exército, ia servir à pátria. Não era nem de longe o que eu planejava para aquele ano, raspar a cabeça, usar farda, dar tiro de fuzil, nada disso combinava comigo.

Aquela foi uma fase da minha vida onde fui empurrado, literalmente. Achava um absurdo ser forçado a participar daquilo. A princípio, pensei em fazer tudo errado, ser um problema até eles não me aceitarem mais, me expulsarem e eu poder voltar a minha antiga vida. Mas a vida no 14º GAC (Grupo de Artilharia de Campanha) não era tão ruim, afinal 12 meses passavam rapidinho.

Claro, existia toda aquela pressão de início, até eles nos forjarem, durou por volta de três meses, e era como se estivéssemos em um campo de guerra: precisávamos fazer tudo correndo, como se nossas vidas dependessem daquilo. Colocar farda, coturno, se barbear (todos os dias – uma tortura) e estar pronto antes das seis. E então, passou o período apocalíptico, e eu era um soldado, melhor que isso: era um soldado bizurado.

No quartel convivíamos com todo tipo de gente, das mais variadas classes sociais, de muitas cidades diferentes, desde cidades muito pequenas até grandes centros, logo havia uma infinidade de sotaques e vocabulários. Contudo, havia um vocabulário em comum: o jeito Exército de se comunicar. Eram muitos jargões que só passaram a fazer sentido quando começamos a usá-los.

Ser bizurado é estar preparado para tudo, pronto para o combate; e, se alguém te pedisse um bizu,

era só dar uma dica de como fazer tal coisa. Mocerongo era algo que ninguém queria ser, pois ser mocerongo ou bisonho significava ser lerdo, de vagar, logo você era marcado, e, assim que guardavam seu número, você seria sempre lembrado. Entendido isto, tratei de não deixar que lembrassem meu número, tentei ser o mais moita possível, estar sempre escondido e na minha.

O dia a dia naquele lugar era até tranquilo, tirando algumas instruções que devíamos ter de vez em quando, a rotina era o TFM (Treinamento Físico Militar), depois dar manutenção no quartel, e aqueles que almoçavam por lá deviam ir ao Rancho para comer, e depois do almoço voltávamos à manutenção ou instrução. A parte chata era quando estávamos de serviço, pois deveríamos ficar de guarda por 24 horas. E tudo começava na Parada Diária. Uma troca de serviço, onde uma guarda (grupo de sentinelas de um dia) passava o serviço para o próximo grupo. Na parada diária, o objetivo era não ser anotado por farda sem passar, coturno sujo ou barba malfeita. E se estivesse bem-apresentado ganharia um FO positivo.

FO era um fato observado positivamente, e, quanto mais FO positivo conseguisse, mais peixe você se tornava. Tornar-se peixe no Exército era uma coisa boa, e era o objetivo de todos que pretendiam engajar, seguir uma carreira lá dentro. Nem de longe o meu plano. Continuava na moita.

Ser sentinela no quartel era difícil, pois quase não tínhamos tempo para torar, tirar um cochilo, era realmente muito sugado, como os mais antigos diziam. A pior parte de estar de serviço, principalmente sendo sentinela, era o sono. Já que dormíamos pouco, e havia sempre um sargento fazendo uma ronda, para saber se o serviço estava sem altera (alteração). E era durante estas rondas que muitos soldados eram pegos morrendo na hora. Morrer na hora era a pior coisa que podia acontecer, pois significava que você estava descumprindo alguma norma interna, entre elas: não cochilar, não conversar, não se distrair, não sentar, não deixar a guarita sozinha, não abando-

nar o armamento etc. Ser anotado durante uma ronda por descumprir alguma destas normas significava punição na certa.

Na ordem unida, série de movimentos que fazíamos durante a marcha e outros momentos, havia uma palavra que era muito usada pelo SGT Flávio Henrique: meticulosidade. E eu sequer fazia ideia do quão detalhista ele queria que fôssemos.

O espírito de união era algo que dominava lá dentro, pois tudo era feito em grupo. Se um fizesse algo errado, todos pagavam. Se em alguma tarefa alguém acochambrasse, ficasse à toa, não cooperasse, e fosse pego, todos eram punidos, e assim éramos praticamente obrigados a conviver pacificamente com todos, inclusive os que não gostávamos muito.

Ao final de um ano, eu estava pronto para ir embora, havia feito muitas amizades, inclusive com sargentos, cabos e soldados mais antigos. Algo que eu achava impossível quando cheguei. Cabo Romildo era um deles, nos tornamos grandes amigos, e eu o ajudava a se policiar escrevendo e falando corretamente. Vez ou outra, chegava uma mensagem de texto perguntando como escrevia tal coisa. Consegui sair na primeira baixa, e a partir daí tentei deixar de lado as gírias novas, mas confesso que não consegui me desfazer de todas. Vez ou outra ainda digo que vou torar ou que estou bizurado. Muitos dos meus amigos ainda me chamam de 40. E eu retribuo chamando-os pelo nome de guerra ou número, algo realmente contagiante.

Depois de ser milico por um ano, voltei para a escola, segundo ano do ensino médio, ainda de cabelo raspado. Porém, alguma coisa tinha mudado em mim, havia amadurecido muito naquele ano fora. Servir o Exército, mesmo que forçado, mexeu muito comigo, levar a vida com mais rigor e disciplina foi algo que levei dali para frente. Em casa, eu era o filho mais velho, me sentia responsável por meus irmãos e minha mãe, precisava ajudar em casa, mas também ajudar na criação

deles. Tudo isso me tornou uma pessoa muito séria e responsável, e estes traços de personalidade se refletiam no meu modo de viver e de falar. Gostava de tudo no seu devido lugar. “Se existia uma regra, era pra ser seguida”, tanto na língua quanto na vida.

Ainda com trejeitos militares, eu pensava no que queria para meu futuro. Pensava em faculdade, mas também pensava em ser sargento do Exército, policial, bombeiro. No decorrer do ano, estava em dúvida entre Cinema, Jornalismo, Letras e bombeiro. Também planejava o futuro dos meus irmãos, com os quais eu tinha muito contato, e eles me tinham como um exemplo a ser seguido, então era meu dever agir corretamente.

Aquele segundo ano do ensino médio foi um divisor de águas em minha vida acadêmica. Em uma apresentação da escola, uma vontade súbita de escrever tomou conta de mim e me fez ser voluntário para escrever a peça que iríamos apresentar, era uma comédia que precisava ter como tema o meio ambiente. Um desafio e tanto. Mas consegui. E a apresentação foi um sucesso. O trabalho de escrever e dirigir me agradava, e eu ficava cada vez mais em dúvida quanto ao curso que queria fazer.

Confesso que o que mais me chamava a atenção era Cinema, mas tive uma professora que me estimulava muito a escrever, despertando meu gosto pela Gramática. Eu adorava análises sintáticas, classes gramaticais, tempos e modos verbais. Graças a essa paixão pela norma culta, e pela escrita, que no terceiro ano me decidi por Jornalismo. Tínhamos, inclusive, um jornal que era filmado nos intervalos das aulas, Jornal Melhor do Brasil. Era pura diversão, contávamos as notícias da escola, brincávamos com os professores e demais alunos, em entrevistas e atuações hilárias.

Foi editando nosso jornal que comecei a reparar na diferença cultural presente em apenas uma sala de aula. Com o tempo, passei a investigar tais diferenças e, dentro delas, o que mais me chama-

va a atenção era a língua, ou melhor, a variação da língua. Nesta fase, estava um pouco mais crítico e analisava, de fato, tudo o que eu via e ouvia. Me dei conta da infinidade de vocabulário que possuía e como ele variava dentro do nosso país. A princípio, meu impulso era corrigir a todos, houve uma namorada que disse que eu parecia um corretor ortográfico ambulante, e não aguentava mais minhas correções em todo tempo (*sic*). “A todo tempo”, eu corriji; então, ela terminou.

Pois bem, eu sobrevivi. O terceiro ano continuava, e havia muitas pessoas diferentes, de lugares diferentes, pra eu observar, éramos muito diferentes, porém estávamos todos reunidos naquela sala de aula. Jeitos diferentes de se comunicar, sotaques diferentes, vocabulários variados. Dentro da nossa sala, havia, além da variedade de gênero, diferentes classes sociais, faixas etárias e uma professora que sabia exatamente como lidar com isto.

Entre os mais “famosos” da nossa turma, havia o Willian, um aluno que veio transferido de outra cidade, Santana era o nome da cidadezinha. Totó, como o chamávamos, era muito simples, sua antiga escola ficava na zona rural da cidade, e ele conseguia falar mais caipira do que a gente, cheio dos “uais” e “sôs”, um dedo de prosa com ele era enriquecedor. Totó adorava falar dos trens, tudo pra ele era trem, coisa de mineiro.

Havia também uma senhora de nome Laene, que estava fazendo o ensino médio depois de casada e ter tido filhos e tudo mais. Laene tinha sua própria maneira de falar, assim como suas gírias. Quando ela não havia feito tarefas e trabalhos, chamava-nos de chuchu para conseguir copiar. Quando via uma menina mais atirada, já dizia que estava assanhada, mas era assim que ela ficava quando via o professor de História, o qual ela achava um pitel.

Existe um bairro em Pouso Alegre que se tornou colônia do pessoal do norte de Minas, que havia se mudado pra cá aos montes, e muitos jo-

vens de lá estudavam em nossa escola, na nossa sala, inclusive. Tinham um jeito diferente de falar, era uma fala mais rápida, lembrava o modo de falar dos nordestinos, porém possuíam traços da fala mineira também.

Lucineide era uma delas. Possuía um gênio do cão, como ela mesma dizia. Todo dia ela chegava estressada por alguma coisa, e um dia um amigo, Ezequiel, acabou provocando a moça arretada. Lucineide ficou virada no diabo, armou um escarcéu e acabaram dando uma suspensão para o Ezequiel.

Em meio a tanta diversidade, nossa professora de Português teve uma ideia: uma vez por semana, havia o dia da norma culta, quando era obrigatório usar somente a norma-padrão. Se alguém pedisse para ir “no banheiro”, não iria até pedir para ir “ao banheiro”, por exemplo. Eu achava o máximo, pois era uma área que eu dominava, e tinha grande prazer em deixar isto bem claro.

As diferenças entre os modos de falar dos meus colegas de classe me incomodavam, ao mesmo tempo que eu achava o máximo esta diversidade, julgava errado falar diferente, principalmente por ser um ambiente escolar, onde deveríamos aprender a falar corretamente, seguir um padrão. Mas eu estava errado, e, após algumas conversas com nossa professora de Português, eu comecei a enxergar.

Foi esta professora, Gorete, quem nos disse que “a língua era como uma roupa, e deveria ser usada conforme a ocasião”. Saber a norma culta padrão era importante, para que houvesse um padrão, um único jeito de escrever, para não virar uma bagunça, mas ao longo de nossa vida iríamos nos deparar com diversas variedades dessa mesma língua.

Eu já havia reparado nisto, mas então via que eu não estava tão louco, que as diferenças na fala existiam e sempre existiriam, que uma língua está sempre mudando e existia uma ciência dedicada somente a este estudo, e algo que eu viria a co-

nhecer um tempo depois. Dialogar com pessoas mais experientes é muito importante e me ajudou demais em minha vida. Ao conversar com a Go-rete sobre estas minhas dúvidas e paranoias em relação à língua, eu me senti mais confortável, pois ela me tranquilizou dizendo que não precisava ser “tudo tão rígido assim”, que sempre iria existir a variação na língua, mas que não eram necessariamente erros.

Junto com o ano de 2012, o ensino médio acabou. Me formei e fui escolhido para ser orador da turma. Na nossa colação de grau, li um texto refletindo sobre aqueles anos que passamos juntos, agradecendo aos professores e aos colegas de turma aquele tempo junto, em um texto bem-humorado e cheio de poesia. Àquela altura, eu já havia caído de amores pelos versos poéticos, e para tudo enxergava motivo de escrever poesias.

Desta forma seguiu-se o próximo ano; já que não havia entrado na faculdade, queria continuar escrevendo, para não “enferrujar”. Na poesia, as palavras ganhavam outros sentidos, e comecei e enxergar com outros olhos autores e obras que passaram despercebidos pela minha vida de estudante, mas agora tinham lugar de destaque em minha prateleira.

As palavras já não eram somente palavras, carregavam um significado a mais, algo que talvez fizesse sentido somente para os poetas. Tudo dependia do momento, do tempo e do coração. Eu escrevia sobre tudo e todos, ficção, realidade, poesias e romances.

No ano seguinte, entrei para a faculdade, acabei me decidindo por Letras. Era uma das minhas opções entre as que eu achei mais viável seguir, de acordo com meus planos para o futuro. Na faculdade, fui apresentado à Linguística, ciência que estuda a língua em seu uso efetivo, e fiquei encantado. Era tudo o que eu havia observado durante a minha vida toda, só que agora com pensadores e estudiosos falando sobre isto.

Naquele primeiro ano de faculdade, percebi que estava no caminho certo quando entrei em um concurso de poesia de nível nacional, e, como diz a minha madrinha, “nada nesta vida é perdido”: eu estava sofrendo do coração, e isto virou poesia. “O plano perfeito” me colocou entre os melhores, chegando até a publicá-lo em uma antologia poética. Como nos versos, eu torcia para:

Que no final tudo se encaixe
e que cada um fique com seu merecido troféu
E que eu tenha feito o possível
pois disseram que eu nunca chegaria ao céu.

Aquilo me deu muita força, e saí daquela fossa produtiva. Até encontrei um novo amor; creio que fiquei com meu “merecido troféu”

O amor torna a vida mais leve, e a mania adquirida de falar corretamente e ficar me corrigindo mentalmente foi preenchida por um mineirismo sem fim. Eu estava caidinho por um sotaque que negava até a morte. Cada frase era iniciada por um “aqui”, e possuía obrigatoriamente um trem e um uai. Aquele jeitin de falá as cois pela metade – que dizem ter vindo da época dos bandeirantes, que usavam para conversarem em código, e que deixava a fala mais rápida, difícil de ser compreendida por forasteiros –, porém muito cativante, havia me deixado pexonado de verdade, sô. Agora, sem correções.

Após estudar a fundo a Linguística e todas as suas vertentes, fazer trabalho de prática, projetos e planos de aula, eu percebi que se fosse para eu ser professor, eu seria diferente. Não seria aquele professor que só corrige o modo de falar dos alunos. Jamais iria usar aquela frase que ouvi várias vezes que “mim não faz nada”, que isso era coisa de índio. Este tipo de situação não era bom para o aluno, não ajudava em nada, servia somente para intimidá-lo, mostrar um “poder” sobre o outro que fala errado e deixá-lo com medo de falar novamente.

Foi estudando as variações da língua que descobri que existia uma parte da Linguística que as aceitava, não como desvios, mas como parte da língua, a Sociolinguística. Uma língua viva, que varia de acordo com o tempo e o local da fala, é isto que ela defende. Analisando a formação de nosso idioma, descobri que existe uma explicação para esses desvios e que é exatamente isto o que a torna tão rica.

Todas as variações que se apresentam em nossa língua são fruto de uma mistura, de contatos com outras línguas, e heranças de nossos antepassados. Este tipo de coisa ocorre em todas as línguas, e não somente na nossa. À medida que existe o contato com outras línguas e com o tempo, ocorre o empréstimo de algumas palavras e modos de falar.

Em maio deste ano, a dois passos da conclusão do meu curso, recebi um convite para escrever e dirigir uma peça de teatro da escola onde fiz meu estágio. Em meio a muitos compromissos, trabalhos a serem entregues, eu resolvi aceitar. Fui à escola pra ver do que se tratava, era um projeto da prefeitura sobre o trânsito, e o texto devia basear-se nisto. Pois bem, era um desafio, mas topei. Conversando com os alunos, surgiram várias ideias, e comecei a escrever.

Foi então que surgiu uma adaptação do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente; eis o trecho que dá início à peça:

Após a morte, é preciso decidir para onde ir: céu ou inferno. Ninguém e Todo Mundo, um anjo e um demônio têm a missão de decidir para onde cada um irá. Para facilitar o trabalho deles, é preciso que as pessoas contem como morreram, e então eles decidem para onde cada um vai, céu ou inferno. E, neste dia em especial, eles recebem várias vítimas de acidentes de trânsito.

A adaptação conta com um tom humorístico, como o original, inclusive alguns personagens são os mesmos, o agiota, o juiz, a dona do bordel, e cada um dá um exemplo de como não se

comportar no trânsito. Os personagens, escritos por Gil Vicente e adaptados para a atualidade por mim, trazem em sua fala traços de pessoas marcantes para mim, em minha caminhada em relação à língua. A Caipira é inspirada no caríssimo Totó, com seu mineirismo sem fim; O Agiota, com jeito de tranqueira, tem a essência do meu primeiro patrão, assim como suas gírias e trejeitos; A Dona do Bordel me lembrou muito nossa companheira de classe Lucineide, com seu dom pra fazer barracos e caçar confusões.

O entusiasmo dos alunos pelo teatro me despertou uma vontade grande de fazer que esta peça seja inesquecível e me possibilitou observar muitos talentos ali. Tanto que propus a eles montarmos um grupo de teatro amador, e é claro que toparam na hora. A apresentação final está marcada para setembro, em uma culminância na qual disputaremos com outras escolas da cidade, valendo uma participação no nível nacional. Creio que tenhamos muita chance, mas só o tempo dirá.

Agora com o curso concluído, estou cada dia mais convicto de que estou no caminho certo, com muitos desafios pela frente, mas com a certeza de que o amor às palavras, à língua e à linguagem me faz melhor a cada dia, usando-as da melhor forma possível, para fazer bom uso delas. Não o uso da norma-padrão, mas aquele que convém e cativa.

Palavras finais

Diante do exposto, é possível afirmar que a apresentação das narrativas de vida dos estudantes uns para os outros desperta um sentimento de autoconfiança. Estes percebem que suas narrativas atraem interesse além do seu próprio *locus* de enunciação e um senso de cidadania, de pertencimento, de reflexão, quando percebem que o Brasil não é homogêneo e que sua história pode motivar outros jovens a buscar novos caminhos.

Por fim, é também possível afirmar que as narrativas são de grande valor porque ajudam os alunos a achar suas vozes, dentro e fora de suas comunidades, como também a se relacionar com seus pares de outras comunidades, em geral, e com comunidades de aprendizado, em particular.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Brasília, 2006.

CENSO EAD.BR: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2012. Curitiba: IbpeX, 2013.

RAMOS, J. *Palavras ao vento, reflexos da sociedade nas conversas de esquina*. Disponível em: <http://app-ead.unip-objetivo.br/midiaeducacional/Ane-xos/Conteudo/C2016/C8/file_3182016200714746.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2016.